

A ABORDAGEM HOLÍSTICA TRANSPESSOAL NA ÓTICA WIBERIANA

L'APPROCHE HOLLISTE TRANSPERSONNEL DANS LA PERSPECTIVE WIBERIENNE

Vera Irma FURLAN

Dra. em Filosofia e ex-professora da
Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas

A) ESCLARECIMENTOS INICIAIS

O termo “holismo” normalmente é utilizado quando queremos nos referir à totalidade do existente no universo (“holos” do grego significa “todo”). A visão holística, portanto, pode ser entendida como a busca de uma visão abrangente do universo, missão, aliás, a que sempre se propôs a filosofia. Mas, o que seria do “todo” sem suas partes componentes? Nestes tempos que correm, de superficialidade e distorções, muitos se referem ao holismo privilegiando o “todo” em detrimento das partes. Este reducionismo, querendo evitar a fragmentação das visões científicas que só vêem as partes, acaba caindo no extremo oposto e simplifica a realidade que é composta de todos e partes. Assim vemos: o átomo é um todo formado por partes. A célula também é um todo em que o átomo é sua parte integrante. Por sua vez, a célula é parte do todo molécula. Cada totalidade inclui e integra suas partes numa qualidade que as transcende. Desta forma, podemos entender a abordagem holística como aquela que entende o universo, a vida e os seres humanos como o desenvolvimento de contextos dentro de contextos cada vez mais abrangentes e profundos.

O conceito “transpessoal” nasceu por volta de 1960 para designar a chamada quarta força da psicologia. A primeira seria constituída pelas abordagens do comportamento humano, o behaviorismo. A segunda surgiu com a psicanálise e a terceira com as abordagens humanistas que tem

como base filosófica a fenomenologia existencial. A psicologia transpessoal considera estas abordagens como complementares e não excludentes. Inclui, integra e transcende estas forças pois entende os seres humanos como múltiplos e dinâmicos em interação constante consigo próprios, com os outros seres humanos e com o universo. Considera que existem diferentes níveis de consciência incluindo os estados sutis que vão além das percepções dos sentidos e da mente intelectual. Busca a integração do ser humano nas suas várias frequências vibratórias: físico, emocional, mental e espiritual e fundamenta-se nas hipóteses mais recentes das ciências, nas formulações dos grandes filósofos da história e nas tradições espirituais do oriente e do ocidente.

Atualmente estendeu-se o conceito “transpessoal” às abordagens que compreendem os seres humanos, indivíduos e coletividade, em processo de desenvolvimento e realização infinito. Assim sendo, a razão não é o seu último estágio, mas integrada à estética e à ética pode dar o salto necessário para uma consciência transracional ou translógica, que inclui e transcende a racional, constituindo, desta forma, uma totalidade (holos) com qualidades diferenciadas das já vividas até o momento.

B) OS TRÊS MODOS DE PERCEPÇÃO DA REALIDADE SEGUNDO WILBER

Um dos principais estudiosos da abordagem holística transpessoal é o norte americano Ken

Wilber. Formado em bioquímica, dedica-se desde muito jovem ao estudo da consciência. Segundo ele, podemos reconhecer pelo menos três experiências de conhecimento: a das ciências empíricas ou monológicas (olhos da carne ou *sensibilia*), a da mente ou dialógicas (olhos da *inteligibilia*, próprios da filosofia, das ciências humanas, da psicanálise) e da Mente (olhos da *transcendelia*, da experiência espiritual). As chamadas ciências monológicas estudam a realidade basicamente captável pelos sentidos e suas extensões. As ciências dialógicas incluem as monológicas mas vão além delas porque dispõem de recursos capazes de intuírem idéias, de produzirem conceitos. Colocam-se no nível dos significados, das intenções o que possibilita a comunicação intersubjetiva. As ciências monológicas também trabalham com conceitos, com significados, mas não prioritariamente, por isso são incluídas pelas disciplinas dialógicas. Já as disciplinas que se dedicam à Mente transcendem as monológicas e dialógicas e ao mesmo tempo as inclui. Trata-se de uma experiência num nível mais sutil que as anteriores o que possibilita um conhecimento mais abrangente e mais profundo da realidade. Não é possível olhar para cada uma destas esferas de manifestação se não se tiver o olho adestrado para tal e nem tampouco substituir um olho pelo outro.

O grande equívoco do ocidente foi querer reduzir todo conhecimento à experiência de apenas um dos “olhos”, o da carne. Este cientificismo nega a possibilidade das outras experiências, rejeita a existência de percepções mais sutis do que aquelas que basicamente usam os sentidos comuns. Por outro lado, o grande equívoco de algumas correntes sistêmicas-holistas é a negação da importância das contribuições da ciência ocidental. Ficam apenas com o céu, enquanto o reducionismo científico fica somente com a terra. Wilber afirma que estas experiências são qualitativamente diferentes, dirigem-se para aspectos diferenciados da realidade e ao mesmo tempo se inter-relacionam e se complementam. Mas há pontos comuns no caminho de desenvolvimento destas três experiências. Em primeiro lugar, todas exigem um conjunto de instruções (iniciação) que possibilitam a entrada na experiência. Em seguida, a “descoberta”, o “insight”, a “iluminação” só possível de manifestação se o primeiro passo tiver sido dado antes. E finalmente o compartilhar desta experiência de “descoberta”

com o grupo de pessoas que passou pela mesma iniciação e prática.

Enquanto história da humanidade estamos vislumbrando, pela primeira vez, a possibilidade de transcender para níveis de manifestação da consciência mais profundos e mais abrangentes. Muitos mestres e sábios já o fizeram antes e desenvolveram caminhos para que esta manifestação pudesse ser realizada e a experiência mística espiritual pudesse realmente ser vivida. Estaríamos, segundo Wilber, dando os primeiros passos para viver percepções mais sutis que se manifestam num nível de consciência transpessoal (que inclui a pré-pessoal, a pessoal, a interpessoal), aponte de integração entre o céu e a terra.

C) WILBER E A HISTÓRIA DO KOSMOS

Para Wilber, a história do universo (Kosmos), a história de “tudo o que é” (Consciência), é o desenrolar de contextos (totalidade/partes) dentro de contextos: do domínio físico e vida e desta à mente. E este processo não para aí.

“ESTE É UM MUNDO ESTRANHO. Parece que há uns quinze bilhões de anos não existia, com precisão, nada em absoluto, e então, em menos de um segundo, o universo material irrompeu na existência.

É mais estranho ainda que a matéria física produzida não se tornou meramente uma desordem aleatória e caótica, mas sim se organizou de formas cada vez mais: intrincadas e complexas, tão complexas que muitos milhões de anos depois algumas delas encontraram a forma de reproduzir-se, e assim da matéria emergiu a vida.

Todavia o mais estranho: estas formas de vida não se contentaram aparentemente em reproduzir-se e começaram uma longa evolução que finalmente lhes permitiria representar-se, criar signos, símbolos e conceitos, e assim da vida surgiu a mente.

Este processo evolutivo, (...), parece haver sido impulsionado incrivelmente da matéria até a vida e desta à mente.

Mas o que é ainda muito mais estranho é que há umas poucas centenas de anos, em um

pequeno e indiferente planeta de uma estrela insignificante, a evolução se fez consciente de si mesma.

E justamente ao mesmo tempo, os mesmos mecanismos que haviam permitido que a evolução se fizesse consciente de si mesma estavam maquinando sua própria destruição.

E isto era o mais estranho de tudo “(WILBER, 1996: 16).

O original de sua obra é a concepção de que o caminho percorrido até aqui constitui o desenvolvimento dos contextos (totalidades/partes) *internos individuais* (o domínio da subjetividade, do “eu”, da estética, do belo); *internas coletivas* (o domínio da intersubjetividade, do “nós”, da ética, do bom); *externas* (o domínio da objetividade, do “ele” do conhecimento verdadeiro) *ildividuais* (o desenvolvimento do cérebro e do comportamento individual) e *coletivas* (o desenvolvimento das sociedades). Entre estes contextos há inter-relações, interdependências e o caminho percorrido comporta o caos, a desordem.

A palavra caos é derivada do grego “chairo” que significa “vazio”, “profundeza”, “abismo”. Neste sentido, o caos é a condição de pré-manifestação do novo, do que ainda não se manifestou. Segundo Lemkow, não é o “nada”, mas uma “plenitude sem fronteiras” (1992: 157).

A história do Kosmos comporta o caos, os momentos de muita turbulência em que o velho já não é mais suficiente, o que não significa que não seja necessário. E o novo ainda não tem condições de se manifestar. Podemos tirar o S da palavra CRISE e teremos CRIE. Os momentos de crise podem gerar muita criatividade.

Como Wilber aponta no texto acima, estamos vivendo um momento extremamente delicado da história da humanidade, pois o futuro da vida sobre este planeta está em nossas mãos. O caos que se instala sinaliza que as formas de viver criadas até aqui já não são suficientes para dar conta dos processos em percurso. Torna-se necessário e urgente um salto de qualidade, um salto quântico que inclua tudo o que foi criado e desenvolvido até aqui, mas que promova a transcendência para uma qualidade distinta, num contexto mais abrangente e profundo. A única saída é o desenvolvimento e

integração do belo, da bondade e da verdade num contexto transpessoal ou transracional, mais um passo no caminho da realização dos seres humanos.

Esta realização é resultado do fato de nos constituirmos como seres de múltiplas necessidades e, para satisfazê-las, desenvolvermos relações cada vez mais complexas conosco mesmos, com os outros, com o meio ambiente e com o universo. As distorções ou patologias são resultantes destas relações.

Para a satisfação de nossas necessidades materiais desenvolvemos relações sociais de produção que foram estudadas com profundidade pelos teóricos marxistas. Para a satisfação de nossas necessidades sexuais/emocionais desenvolvemos relações de reprodução e afetivas tão bem analisadas pela psicanálise a partir de Freud. Para as necessidades de ordem intelectual desenvolvemos toda a produção do conhecimento da filosofia e das ciências. As necessidades de ordem existencial são satisfeitas à medida que buscamos a integração entre corpo, mente e meio ambiente e aceitação da nossa condição finita. E finalmente, para as necessidades de relacionamento com o universo infinito, com a grandeza do inexplicável, com os contextos mais sutis, suaves e profundos do Kosmos desenvolvemos diferentes formas de religiosidade (re-ligar). Os níveis de necessidades e de alimentos para satisfazê-las apresentam crescimento e desenvolvimento num “(...) processo de adaptações a níveis cada vez mais sutis de alimentos à medida que vamos aprendendo a digeri-los” (WILBER, 1993: 62).

Como afirmamos acima, a história da humanidade comporta a realização dos seres humanos e, ao mesmo tempo, grandes distorções. Então vejamos. Podemos afirmar que de um lado desenvolvemos uma percepção cada vez mais apurada de nós mesmos, maior senso de individualidade, autonomia, liberdade. Por outro, há um individualismo exacerbado, um egocentrismo infantil regressivo, solidão, superficialismo, auto-engano. Desenvolvemos também maior intimidade nas relações de amor e amizade, um senso apurado dos espaços de cada um e dos grupos, uma melhor comunicação do “meu” e do “teu” e formas cada vez mais efetivas de solidariedade e fraternidade. Mas são muito fortes para dar conta dos processos

em percurso. Torna-se necessário e urgente um salto de qualidade, um salto quântico que inclui tudo o que foi criado e desenvolvido até aqui, mas que promova a transcendência para uma qualidade distinta, num contexto mais abrangente e profundo. A única saída é o desenvolvimento e integração do belo, da bondade e da verdade num contexto transpessoal ou transracional, mais um passo no caminho da realização dos seres humanos.

Esta realização é resultado do fato de nos constituirmos como seres de múltiplas necessidades e, para satisfazê-las, desenvolvermos relações cada vez mais complexas conosco mesmos, com os outros, com o meio ambiente e com o universo. As distorções ou patologias são resultantes destas relações.

Para a satisfação de nossas necessidades materiais desenvolvemos relações sociais de produção que foram estudadas com profundidade pelos teóricos marxistas. Para a satisfação de nossas necessidades sexuais/emocionais desenvolvemos relações de reprodução e afetivas tão bem analisadas pela psicanálise a partir de Freud. Para as necessidades de ordem intelectual desenvolvemos toda a produção do conhecimento da filosofia e das ciências. As necessidades de ordem existencial são satisfeitas à medida que buscamos a integração entre corpo, mente e meio ambiente e aceitação da nossa condição finita. E finalmente, para as necessidades de relacionamento com o universo infinito, com a grandeza do inexplicável, com os contextos mais sutis, suaves e profundos do Kosmos desenvolvemos diferentes formas de religiosidade (re-ligar). Os níveis de necessidades e de alimentos para satisfazê-las apresentam crescimento e desenvolvimento num “(...) *processo de adaptações a níveis cada vez mais sutis de alimentos à medida que vamos aprendendo a digeri-los*” (WILBER, 1993: 62).

Como afirmamos acima, a história da humanidade comporta a realização dos seres humanos e, ao mesmo tempo, grandes distorções. Então vejamos. Podemos afirmar que de um lado desenvolvemos uma percepção cada vez mais apurada de nós mesmos, maior senso de individualidade, autonomia, liberdade. Por outro, há um individualismo exacerbado, um egocentrismo infantil

regressivo, solidão, superficialismo, auto-engano. Desenvolvemos também maior intimidade nas relações de amor e amizade, um senso apurado dos espaços de cada um e dos grupos, uma melhor comunicação do “meu” e do “teu” e formas cada vez mais efetivas de solidariedade e fraternidade. Mas são muito fortes as relações de manipulação, de repressão emocional, de distorções sexuais e de violências de todos os gêneros. O pensamento se sofisticou e se complexificou e, ao mesmo tempo, encontramos formas de repressão metafísica e filosófica nunca antes imaginadas. A ausência de indagação, de questionamento, produz pessoas superficiais, altamente consumistas e distantes de si próprias, dos outros e do universo.

Mas podemos olhar para este estado de coisas com uma visão mais ampla do que o dos pessimistas de plantão que só fazem reforçar o marasmo e o desânimo. Não se trata também de negar as distorções existentes como é a atitude comum dos falsos otimistas. Tentemos ao menos adotar um olhar que vê esta situação como oportunidade para reeducar nosso modo de encarar a própria vida. A necessidade neste momento é limpar a poeira dos olhos e buscar formas de pensar, sentir e agir que vão além dos modos habituais.

Como o desenvolvimento de nossas condições internas e externas, individuais e coletivas se interrelacionam e se complementam, no que diz respeito à história da humanidade, podemos afirmar que a ontogenia (evolução individual ou domínio micro) repete, de certa maneira, a filogenia (evolução coletiva ou domínio macro). A organização da consciência egoica se desenvolve interrelacionada com o desenvolvimento das várias dimensões do cérebro (reptiliano, límbico e cortex). E este processo se faz no seio das culturas e nas relações sociais. Reduzir o “todo” a quaisquer uma dessas dimensões significa distorcê-lo, pois somos conjuntamente “eu”, “nós”, “ele”, “eles”.

Partindo do estudo do pensamento de Habermas, Wilber afirma que cada um de nós é o resultado de toda a história do universo e esta se encontra gravado na nossa memória. Somos iguais de corpo, mente e espírito. “*Como assinala Habermas, o holon individual e o cultural mostram a mesma estrutura básica de consciência,*

e estas estruturas básicas de consciência se mostram na evolução tanto do indivíduo como da espécie” (WILBER, 1996: 174). Isto não significa que a psique repita literalmente a filogenia, mas que pode observar semelhanças no desenvolvimento de ambas.

Toda realização do Ser (beleza, bondade e verdade) e todas as distorções estão dentro de cada um de nós. Neste sentido, qualquer transformação das condições externas de nossa vida sobre a terra será o resultado de uma maior compreensão entre as pessoas. E esta compreensão depende do crescimento e transformação individuais.

Coletivamente vivemos no presente os vários estágios de desenvolvimento da consciência: o arcaico e o mágico (pré convencional), o mítico (convencional), o mental ou egoico racional (pós convencional) que pode se encontrar em transição para uma consciência lógica centáurica. Segundo Wilber, uma “(...) *visão de enorme poder integrador {integral-aperspectival e uníver-sal-integral} para unir os cidadãos do mundo sobre uma base centáurica: todos temos em comum matéria, corpo e mente (para não mencionar o Espírito e um Eu anteriores a todos eles)*” (WILBER, 1996: 225). E a história da humanidade registra a existência de pessoas (mestres e sábios) individualmente muito além de seu próprio tempo, vivendo níveis de consciência que poderíamos denominar como pós pós convencionais, que incluem todos os estágios citados, mas vão além deles, numa qualidade de integração profunda.

Segundo Wilber, o desenvolvimento individual tal como foi estudado pelos vários teóricos (Piaget, Freud, M. Mahler, Jung e outros) apresenta-se basicamente na forma de dois estágios:

a) pré-racional ou pré-pessoal que compreende o desenvolvimento sensorio motor (arcaico e arcaico-mágico); o pré-operacional (mágico e mágico-mítico); e o operacional concreto (mítico e mítico-racional).

b) Racional ou pessoal ou egoico que corresponde ao desenvolvimento das operações formais do pensamento, do

“eu”, do sujeito. Este estágio inclui os anteriores e ao mesmo tempo os transcende não se confundindo de forma alguma com o egocêntrico que é pré-racional. “*Ego, neste caso, não significa ‘egocêntrico’, pelo contrário significa ir de uma capacidade sociocêntrica a uma capacidade mundicêntrica, a capacidade de tomar distância do próprio contorno egocêntrico e etnocêntrico e considerar o que seria justo para todos os povos, não somente para o próprio.*” (WILBER, 1996: 257).

Wilber afirma que a consciência das operações formais é a primeira verdadeiramente ecológica, pois é capaz de realizar e entender as relações interdependentes de tudo o que existe. Por outro lado, compreende a relatividade dos eventos e não é antropocêntrica. “*Com a chegada do ‘formop’, pode-se refletir sobre as regras e normas de quaisquer sociedades e estas podem ser julgadas a partir de princípios mais universais, princípios que se aplicam não unicamente a uma ou outra cultura, a uma ou outra tribo, mas sim ao pluriculturalismo do ‘perspectivismo’ universal*” (WILBER, 1996: 265). Se partimos do princípio que há um desenvolvimento da consciência para níveis cada vez mais profundos e abrangentes, não há como negar a possibilidade de outros níveis que incluem os desenvolvidos até aqui, mas que os transcende numa qualidade distinta. Wilber afirma que podemos desenvolver uma visão de mundo centáurica e lógica, integrando a razão com todos os estágios que a antecederam. Uma individualidade composta dos domínios físicos, biológicos e mentais integrados, que não separa corpo, mente e ambiente e que assume sua condição existencial finita.

Assim como os estágios anteriores este carrega as distorções já acumuladas e acrescenta outras, pois o jogo entre as forças da realização humana e da destruição se toma cada vez mais complexo. “*Como sempre, este novo estágio centaurico, possui não somente uma nova capacidade cognitiva (visão lógica), mas implica também um novo sentido de identidade (centáurico), como novos desejos, impulsos, necessidades, percepções (e novos terrores e*

patologias): é um eu novo e superior no mais novo e mais amplo dos mundos”(WILBER, 1996: 293). Neste estágio, como não há identificação com nenhum dos domínios (físico, biológico e mental) é possível finalmente integrá-los. Sua patologia típica é o desespero da condição de finitude do ser humano. Qual é o significado de uma existência que se dirige inexoravelmente para a morte? Não há mais nenhum tipo de consolo ou compensação diante deste questionamento. A angústia existencial é seu único e apertado espaço.

O estágio seguinte pode transcender esta condição existencial, negando-a e preservando-a numa consciência mais abrangente e profunda: o estágio transpessoal. “O *contínuo estágio evolutivo de ‘dentro e mais’ além traz novos dentro... e novos mais além”*.(WILBER, 1996: 313). A palavra transpessoal indica que inclui a pessoa, mas, ao mesmo tempo, vai além dela: é a pessoa e mais alguma coisa. Neste nível, o “eu” se toma consciente do “eu” objetivo e pode observar a si mesmo em todos as suas manifestações. Poderíamos dizer que a consciência se toma consciente de si mesma. “*Mas então, quem realiza esta observação? Quem é o que está observando ou testemunhando o eu individual e, portanto, transcendendo-o de forma notável? Quem ou o que é isso?*”(WILBER, 1996: 314).

O “eu observador” está dentro de cada um de nós, silenciosamente. Pode se manifestar desde que tenhamos condições para ouvi-lo, para atendê-lo. “O *observador está em ti, a testemunha está em ti, transcende a pessoa isolada em ti e se abre ~..)* -para um vasto espaço de consciência que já não está obcecado com o corpo-mente individual, ~..) mas permanece quieta, em silêncio como uma abertura ou claridade através, da qual brilha a luz, não do mundo mas até ele. “(WILBER, 1996: 315). Como resultado desta nova qualidade temos uma nova identidade, uma nova abertura, “~..)uma verdadeira consciência ‘cósmica’”.(WILBER, 1996: 324). Sendo assim, uma nova moralidade se desenvolve: um Eu verdadeiramente universal que Se reconhece vivencialmente e não só racionalmente como expressando todos os seres do universo e estes

como expressão de Si mesmo, para além da visão que separa eu, os outros, o meio ambiente e o universo. “*Porque ao ver todos os seres sensíveis como expressão do mesmo Eu todos os seres são tratados ‘como’ o próprio Eu.* “(WILBER, 1996: 325).

Neste nível de consciência, para além da visão centáurica-lógica, a estética, a ética, a gnose se desenvolvem ainda mais em domínios superiores, comunidades mais amplas, afirmações mais fortes. Mas, não podemos nos esquecer que somente quem vivencia a angústia existencial pode transcendê-la e penetrar verdadeiramente num domínio mais profundo e amplo que ela. Quando se trata de desenvolvimento da consciência não há como queimar etapas. E mesmo tendo experimentado níveis mais sutis, inevitavelmente, estaremos transitando por todos os níveis. Mas, à medida que vamos ampliando a experiência no níveis sutis, viveremos os outros a partir de uma nova qualidade.

E o desenvolvimento da consciência pode continuar o seu caminho de ampliação, aprofundamento, com mais verdade, maior sensibilidade e novos sentidos de comunidade. Mas as distorções acumuladas no passado juntamente com as produzidas no presente podem impedir o processo de realização humana. Podemos fazer aparte que nos cabe neste processo e buscar nosso próprio crescimento e desenvolvimento e também promover tudo o que estiver ao nosso alcance para trazer mais suavidade e profundidade aos que nos rodeiam. A destruição poderá ser evitada? Não podemos saber. Mas ao menos estaremos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para evitar o pior.

BIBLIOGRAFIA

- LEMKOW, A. F. *O princípio de totalidade*. S. Paulo: Aquariana, 1992.
- WILBER, K. *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona-España: Kairós, 1992.
- _____. *A consciência sem fronteiras*. S. Paulo: Cultrix, 1991(1).
- _____. *Después del Edén*. Barcelona-España: Kairós, 1997.
- _____. *O espectro da consciência*. S. Paulo: Cultrix, 1990.

_____ Olhos nos olhos: ciência e psicologia transpessoal. In W ALSH e V AUGHAN (orgs.). *Além do ego*. S. Paulo: Cultrix, 1991 (2).

_____ *Elproyeto Atman*. Barcelonal/Buenos Aires: Kairós/Troqvel, 1990.

_____ *Psicologia Integral*. Barcelona: Kairós, 1994(1).

_____ *Sexo, ecologia, espiritualidade*. Madrid: Gaia, Trilogia deI Kosmos, Vol. I, Libro Uno

_____ (1996) e Libro dos (1997). Collección Conciencia Global.

_____ *Los tres ojos del conocimiento*. 2ª ed. Barcelona: Kairós, 1994(2).